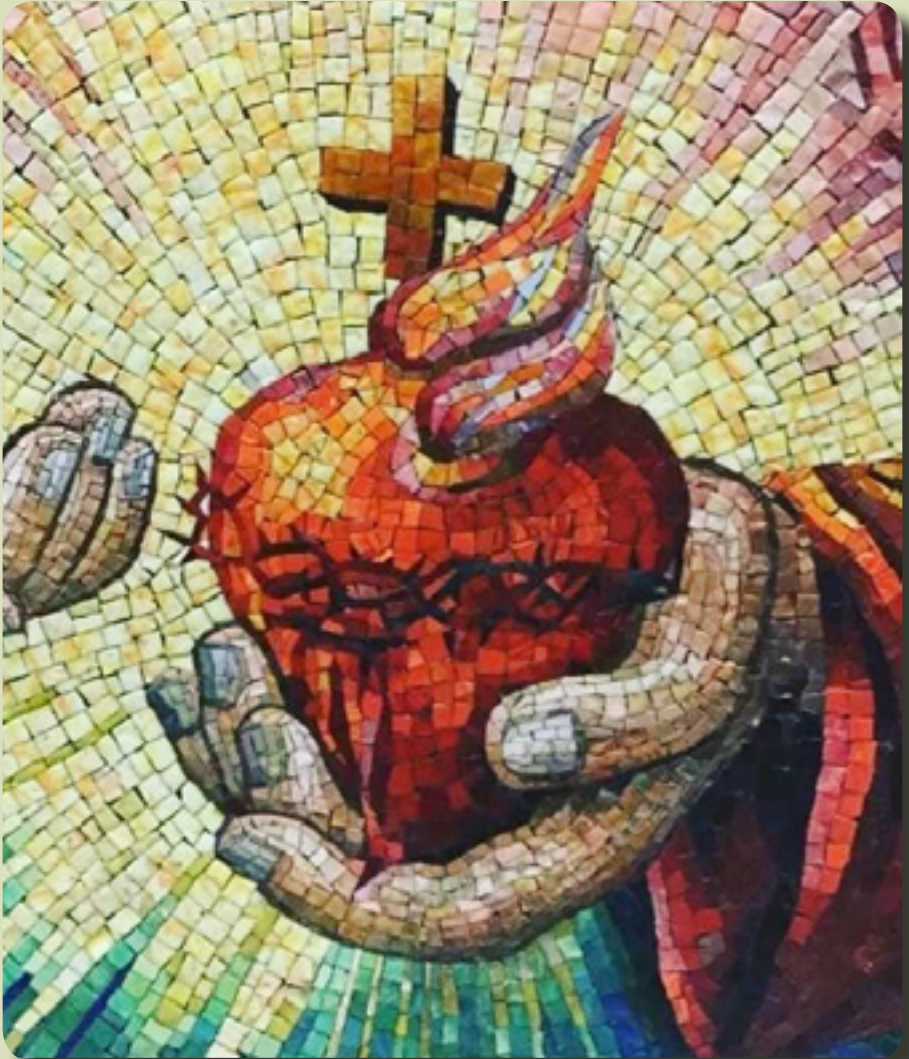


**ANO LXXVIII N° 371
JANEIRO/JUNHO 2026
SEMESTRAL
Diretor: P. Dário Pedroso SJ
GRATUITO**



GRAÇAS DO PADRE CRUZ SJ

PRECES PARA UMA NOVENA



Deus infinitamente misericordioso que desceste do Céu à terra para ser a salvação e o modelo de todos os homens; Vós que dis-sestes: Pedi e recebereis, procurai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á, pelos méritos e intercessão do Vosso servo P. Cruz que, perfeito imitador Vosso, abrasado em caridade, passou igualmente pela terra a fazer bem: consolando os aflitos, socorrendo os necessitados, visitando os pobres e encarcerados e convertendo os pecadores.

Concedei-nos a graça de imitar as suas virtudes, principalmente o seu espírito de oração e união com Deus, o espírito de fé viva, de esperança firme e de amor ardente, a devoção filial à SS.ma Virgem, o zelo pela salvação das almas e o horror a tudo o que desgoste o divino Espírito Santo e nos torne menos dignos da Sagrada Comunhão. Concedei-nos em particular a graça de... se for para honra Vossa, para bem das nossas almas e glória do vosso Servo. Assim seja.

Pai Nosso, Avé Maria e Glória.

Bondoso Padre Cruz, rogai por nós!

Oração

Senhor Jesus Cristo, que dissestes: Se não vos tornardes como pequeninos, não entrareis no reino dos céus, olhai para a humildade e simplicidade com que o Vosso servo Francisco procurou a glória divina e o bem temporal e sobrenatural dos humildes, e dignai-Vos glorificar o Vosso discípulo fiel com a auréola da santidade, se isso for da Vossa maior glória.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

Assim seja.

Nota: Estas preces destinam-se a devoção particular.
Evite-se cuidadosamente tudo o que pareça culto público.

Índice :

Abertura	pág. 2
O santo em vida	pág. 4
Ao bondoso Francisco da Cruz	pág. 7
Vidas sem sol	pág. 8
O homem que venceu a vida	pág. 13
Contrastes	pág. 17
Agradecem ao P. Cruz	pág. 19
Recordações do P. Cruz	pág. 20
Deram Esmola e agradecem Graças	pág. 21
Missas	pág. 24

Estatuto Editorial:

A revista "Graças do Padre Cruz SJ" é propriedade da Causa de Beatificação e Canonização do Servo de Deus Padre Francisco da Cruz SJ.

A revista "Graças do Padre Cruz SJ" é uma publicação católica, que visa a divulgação da vida e obra do Padre Francisco da Cruz, sacerdote jesuíta.

A revista "Graças do Padre Cruz SJ" compromete-se a assegurar o respeito pelos princípios deontológicos e pela ética profissional dos jornalistas, assim como pela boa fé dos leitores.

Padre Cruz, sacerdote mariano

Desde muito novo, o P. Cruz viveu intensamente uma devoção, um amor filial muito grande a Nossa Senhora. É com muita alegria que o queremos recordar neste começo de maio e aprender com ele, pois é um verdadeiro Mestre de oração, de vida espiritual, de amor a Maria, de santidade de vida. O ter pertencido à Congregação Mariana levou-o, desde os tempos de estudante em Coimbra, a uma vida espiritual séria, à confissão frequente, a uma devoção mariana muitíssimo grande. É admirável o seu amor ao terço, oração que durante a vida rezava várias vezes ao dia, mesmo nas viagens, nas carruagens dos comboios, convidando todos a rezar com ele. Sempre de terço na mão para testemunhar o seu amor filial a Nossa Senhora e a sua piedade mariana, simples, mas profunda.



Vários testemunhos nos descrevem o encanto e o enlevo das suas homilias ou sermões sobre Nossa Senhora, o seu desejo intenso de viver os meses de maio e de outubro, mergulhado no Coração da Mãe, implorando graças para a igreja e para o mundo. Rezava sempre o terço nas visitas aos presos, que em Lisboa eram diárias. E depois de 1917 parece que o seu amor por Maria cresceu ainda mais, pois a Senhora em Fátima, pediu para rezarmos o terço todos os dias, para alcançar a paz. O P. Cruz acreditava nesta relação, profunda e eficaz, entre a oração do terço e a paz, e falava sempre dela com entusiasmo.

Hoje faria o mesmo que fez ao longo da vida, sobretudo nas duas grandes guerras que ele atravessou na sua longa vida.

Acreditou desde o início nas aparições e Fátima, foi o primeiro confessor da Irmã Lúcia, foi a Fátima nos dias 13, de cada mês, e acompanhou muito os pastorinhos, Francisco e Jacinta, na sua curta vida. Rezava com eles, ajudava-os a rezar, foi um apóstolo de Fátima, das mensagens da Senhora e do Anjo, com um entusiasmo enorme. Ia com gosto confessar os peregrinos, que de aparição em aparição, cresciam, e depois, até ao fim da sua vida, tinha Fátima e a Senhora em seu coração de sacerdote, de filho amado e que amava a Mãe, a Senhora da Azinheira. Mas a sua devoção a Maria, como a sua pregação, o levavam sempre para Jesus, como centro e tesouro da sua vida e do seu sacerdócio.

Quis a Providência divina, que partisse para o Pai, no dia 1 de outubro, mês dedicado ao Rosário, com a festa de Nossa Senhora do Rosário. Quantos milhões de vezes ao longo da vida teria rezado a Ave Maria e pedido à Senhora, “rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte”? A Senhora estava com ele nesse dia 1 de outubro, para o conduzir à eternidade, à festa que nunca mais terá fim, ao encontro glorioso com Jesus. Foi, de facto, um cristão mariano, um sacerdote mariano, um santo mariano. Quanto temos a imitar o Padre Francisco Cruz, na sua devoção, no seu amor a Nossa Senhora. Unidos a ele, seus amigos e devotos, seus admiradores, rezemos o terço todos os dias, amemos Nossa Senhora e não nos cansemos de falar d’Ela. Era assim o Padre Cruz.

P. Dário Pedroso, s. j., Vice-postulador

**Agradecemos que sejam apóstolos desta revista.
Arranjem assinantes ou ofereçam assinaturas.
Obrigado!**



O Padre Cruz santo em vida

A primeira referência à santidade do P. Cruz surgiu em 1894, quando dirigia o Colégio dos Órfãos em Braga. O sucessor no cargo, P. Pedro Cogliolo, referiu-se a ele como “verdadeiro santo” numa carta dirigida às hierarquias sobre o estado da instituição. Teria então 34 anos.

Ainda em vida já tinha devotos: além dos pedaços de tecido da batina, guardavam madeixas do seu cabelo. As netas de uma senhora, D. Joaquina Queiroz, conservaram os lençóis, uma chávena de café, um barrete e a batina dele, “já corroídos pelos anos”. No secretariado onde funciona a Causa do Padre Cruz guarda-se objetos pessoais do P. Cruz, entregues por devotos, ou seus descendentes.

Muitas eram as pessoas que olhavam e viam o P. Cruz como santo. Ainda em vida gozava dessa fama, só assim se justifica o que muitos testemunharam e que ficou registado. Partilhamos consigo algumas situações e casos que nos chegaram.

A Sor. Marina Babarro Arias, Irmã das Servas de Maria que cuidou do P. Cruz antes da sua morte a 1 de outubro de 1948 conta: “Quanto à reputação da santidade [do P. Cruz], vou contar aqui um acontecimento engraçado, que o Padre Cruz me contou numa noite.

Com uma simplicidade encantadora disse-me: “Olhe, Irmã, às vezes chego a casa com uma batina rota, porque algumas pessoas gostam de ter uma recordação minha e não conseguem pensar em



P. Cruz, Director do Colégio dos Órfãos, Braga, 1886-1894

outra coisa senão cortar um pedaço da minha batina; Naturalmente, tal procedimento não me diverte nada e, para o evitar, agora levo alguns pedaços de tecido no bolso e, quando percebo a pretensão do povo, digo-lhes: “Tome, senhora, fique com esse pedacinho, porque não gosto de andar por aí com buracos na batina.” E elas, sorrindo, encontrando graça na minha saída, aceitam a minha oferta com gratidão.”

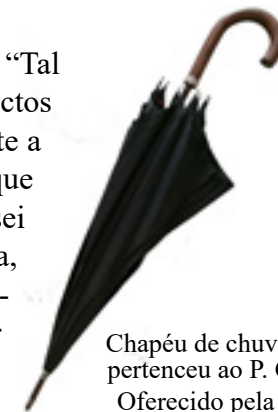
Conta o Sr. Manuel Joaquim Ribeiro: “Tal o desejo de certas pessoas possuírem objectos de uso do Sr. Padre Cruz que era frequente a troca desses objectos por outros novos que compravam para o efeito. Duma senhora sei eu que possui uma capa. Por igual forma, possuo eu os seguintes objectos: 1 guarda-chuva, 1 garrafa Thermos e 1 assentador de lâminas de barba.

Ainda sobre trocas, contou-me o Sr. Padre Cruz, achando muita graça, o seguinte: Certa pessoa disse-lhe que a caneta que ele trazia não era boa, razão porque lhe oferecia uma nova, melhor, ficando com aquela. Passado pouco tempo, aparece outra pessoa que repete a mesma coisa, apresentando as mesmas razões. Novamente uma terceira pessoa realiza a troca, alegando o mesmo motivo. Não sei se depois disto as trocas da caneta continuaram.”

Também o Sr. Sebastião Duarte Pereira nos relata casos curiosos.

Chegou uma vez ao Porto o nosso Servo de Deus com a sua capa preta toda ela estraçalhada em baixo na orla: parecia quase um rendilhado.

Eu, ao ver aquilo e tanto mais que ia a acompanhá-lo na escadaria que dava acesso à sala de jantar, perguntei-lhe o que havia acontecido e logo ele me disse:



Chapéu de chuva que pertenceu ao P. Cruz. Oferecido pela Sra. Maria Manuela de Sousa Ribeiro à Causa de Canonização do Padre Cruz.



“Calcula que me deram esta capa nova em folha hoje em Lisboa, mas em Coimbra, quando o comboio parou, fui verdadeiramente cercado por um bando sobretudo de senhoras que armadas de tesouras me retalharam esta bela capa”. Ri-me muito até porque o Senhor Padre Cruz logo me explicou que aquilo devia ser para fazer relíquias e acrescentou: “Tu já viste fazerem relíquias da capa de um homem que ainda está vivo?”

Depois disto e ainda a descer

a escadaria,

o que se

fazia muito

devagar por

causa da sua

grande dificuldade em se mover, rapei do bolso um livrinho muito pequeno e desdobrável, tipo concertina, o qual à medida em que se ia desdobrando e abrindo, ia mencionando em abstracto várias virtudes, obras e prodígios, perguntando-se quem seria o autor de todas aquelas coisas: no final, vinha a surpresa — “O Padre Cruz”.

Este riu-se também muito, achou que tudo aquilo era imerecido mas acrescentou: “Cá está uma brincadeira inofensiva e que nem sequer me deu cabo da minha capa”.



P. Cruz, Lisboa, 1946



Fotos: João Costa Oliveira (SCML)

Batina, chapéu e bengala que pertenceram ao P. Cruz.

Ao Bondoso Francisco da Cruz

(Autor Edmundo Ribeiro)

O velhinho Padre Cruz,
No seu devoto caminho,
É tal qual como Jesus
O velho Padre do Minho.

Amigo da caridade
Só acarinha a tristeza,
Espalha a sua bondade
Por a infeliz pobreza.

Através do Continente
Leva seus doces carinhos,
Presta auxílio docemente
Aos enfermos pobrezinhos.

Seus gestos são sempre nobres,
Caridosos e felizes.
Dá alívio sempre aos pobres,
Socorrendo os infelizes.

Santo velhinho
Padre dum bom coração,
Amigo do pobrezinho,
Com nobre religião.

É sempre o manto
Para agasalhar a pobreza,
O bondoso Padre Santo
Desta gente Portuguesa

Quantas vezes vai levar,
Às celas dos condenados,
Palavras para confortar
Os tristes encarcerados.



P. Cruz, Vila Nova de Famalicão, 1947

Duma humilde devoção,
E sincera lealdade,
Possui um bom coração
Detentor da humildade.

As quantias recebidas,
Por pedidos. solidários,
São por ele devolvidas
A muitos presidiários

Com muita fé e ternura,
Os seus óbolos caridosos,
Quase sempre levam cura
A milhares de cancerosos.



Vidas sem Sol

N^o *Diário de Lisboa*, de 5 de março de 1941, a escritora e jornalista Gabriela Castelo Branco publicou um artigo sob forma de entrevista com o P. Cruz, com o título de *Vidas sem Sol*. Nele exalta a ação caritativa e apostólica do P. Cruz nos bairros pobres de Lisboa.

Nesta altura, a vida em bairros como Alfama e outros em Lisboa apresentavam o aspeto desolador descrito; “sem pão, sem sol”, que pertence ao passado, mas que era então uma triste realidade à qual o Padre Cruz não fugia e onde ia, sem hesitar, levar **pão e sol...**

Ao olhar esta nossa cidade de Lisboa que dentro em pouco começa a enfeitar-se com as galas da primavera – o céu retomando um azul de sonho...

Como vive, nos bairros mais pobres de Lisboa, a gente para quem a miséria é a mais fiel companheira? Em que condições de insalubridade? Esta interrogação mordia-nos o espírito. Resolvemo-nos pois tentar conhecer as coisas de perto. E, para nos inteirmos do rumo a tomar, batemos à porta de alguém, sempre amigo da pobreza, sempre coração aberto aos males alheios, sempre alma compadecida dos que sofrem na sua carne ou na sua alma, ou até na sua consciência: o bondosíssimo Dr. Francisco da Cruz, — que todos conhecem pelo Padre Cruz — missionário, sem ter saído da metrópole, e a quem Roma confirmou o título! Salvando almas, dando pão a muitas bocas, restituindo a harmonia a muitos lares, que a julgavam perdida, o perfil moral deste santo homem é digno de moldura primorosamente lavrada.

«*Para o corpo o suficiente; para a alma abundância*». Eis uma das frases admiráveis desse pastor de almas que aos oitenta e dois anos ainda sabe erguer-se às quatro horas da manhã para começar a sua santa tarefa! Pois batemos-lhe à porta e perguntámos-lhe:

— Quais os bairros mais miseráveis de Lisboa? Aqueles onde o alimento é pior do que insuficiente e onde o pouco ar que respiram é viciado.

— O que mais impressiona sob esse aspeto é o de Alfama. Tanta miséria que há ali! Olhe, uma vez fui chamado para confessar uma pobre criatura que na cama se servia da própria roupa do corpo para se tapar! Não tinha uma mantazinha, não tinha nada! E sabe, uma operária de fábrica é que, condoída daquela pobreza extrema, lhe trouxe uns cobertores. E foi comprá-los novinhos!

E na voz do bondoso Padre Cruz vinha toda a piedade da sua alma, toda a compaixão de que é capaz o seu espírito magnânimo.

— Mas não haverá ainda outros bairros que mais ou menos sejam teatro de infortúnios idênticos?

— Tenho percorrido todos; mas o que melhor conheço é este aqui de Alfama. O Padre Geada, da igreja de Santo Estêvão, também lhe poderá prestar esclarecimentos sobre as circunstâncias aflitas em que essa gente por lá vive.

— O dr. Francisco da Cruz não gosta de falar de si. Porém, ainda condescendeu em dizer de alguém, seu parente, que possuía uma revista coimbrã, em que traços da sua vida eram focados com exatidão.

E conta:

— O dr. Pereira Forjaz, com quem um dia estive conversando, conseguiu apanhar-me algumas passagens da minha vida. Pois fixou o que relatei e lá pôs tudo na revista! Admirei-me como, num instante, aquilo lhe ficou na memória!

E sob a amável indicação do senhor padre Geada – que à Alfama tem dado também parte da sua atividade, quer espalhando a instrução através das duas escolas que ali dirige, quer prestando auxílio moral e financeiro aos que dele se veem deveras necessitados – foi então que percorremos as ruas, as travessas, os becos, os pátios e que subimos escadas tortuosas e sombrias daquele velho bairro lisboeta.



Que quadro lamentável se nos deparou! O sol não entra em muitas casas – e o pão dificilmente em muitas bocas! Recantos escuros e apertados onde se alojam pessoas, vidas de escadas onde se improvisam quartos, pátios insalubres onde brincam crianças, becos imundos, vielas sombrias — todo um cenário esmagadoramente triste, onde a tuberculose se expande.

Sem pão, sem sol e sem ar os habitantes mais pobres de Alfama vivem uma vida de sacrifícios tremendos, mas mereciam a atenção geral! Ali se criam «homens de amanhã» que não poderão lograr saúde e portanto tornar-se uteis à sociedade! Ali, eles sentem fatalmente, em dados momentos, a pesada amargura das suas vidas sem sol!

— E de que se compõe a maioria da população deste bairro? — inquirimos.

— De marítimos, muitos deles descarregadores que trabalham no cais. Podem chegar a auferir uns dezoito a vinte escudos diários, mas como estão temporadas grandes sem ter que fazer, as suas posses são bem precárias.

— As crianças frequentam as suas duas escolas com regularidade?

— Ao princípio faltavam muito. Agora já começam a tomar-lhe o gosto.

Íamos passando por determinado local. E o padre Geada apontou, explicando com o desvelo que essa obra lhe inspira:

— Ali é que estará a futura creche que me proponho abrir.

A obra filantrópica que almas assim formadas diligenciam realizar cremos bem que não haverá palavras que lhe descrevam a nobreza! Apenas as podemos sublinhar e, em nome da sociedade, dizer: obrigado!

Depois desta aflitiva visão da Alfama, esperavam-nos o Alto dos Sete Moinhos, Casal Ventoso de Baixo e Casal Ventoso de Cima e Monte do Prado.

Panorama indescritível de pobreza angustiada! Acanhados barracões feitos de latas, pregados sobre ripas e cujas rendas oscilam



O P. Cruz visita bairros pobres de Lisboa, 09.07.1937

entre sete e vinte escudos mensais. Em cada desses barracões chegam a alojar-se oito pessoas! Predomina o elemento operário, uma parte dele desempregado. Após o ciclone muitos ficaram sem abrigo. E pelos caminhos rústicos bandos de crianças que saltam, correm, gritam, satisfeitas ao menos com o contacto do ar — quando o frio não corta a pele — e com as carícias do sol — quando este não é abrasador! Uma vez mais ficámos a meditar no amparo moral que elas não disfrutaram e no que, devido a isso, poderão vir a tornar-se um dia.





Bairro da Boa Vista, Lisboa, 1939

O final da nossa peregrinação foi o Alto da Boavista, junto ao Monsanto, onde casas se erguem para operários, higiénicas, jeitosas, engraçadas com cortinas de riscado nas janelas e um ar acolhedor que nos refez a vista e o espírito das baiucas que contemplámos... Batemos a uma das portas. Pedimos para entrar. E o modo comunicativo e hospitaleiro dos seus humildes

habitantes enterneceu-nos.

— Então que tal se vão dando por cá?

— Saiba v. ex.^a que isto não há dúvida que é outro asseio!

Olhe que a gente desde que aqui está até come com mais apetite! Mas a renda é puxada! Cinquenta escudos! A gente vê-se em aflições para pagá-la quando o trabalho falta!

O sr. conde de Bonfim, que mostra o maior interesse pela sorte dos humildes moradores do Alto da Boa Vista, inteirou-nos depois, com fidalga lhaneza, sobre a tragédia que representa para eles a falta de pagamento da renda, quando as finanças se lhes desequilibram. E, pesaroso, confessou:

— Não há a quem mais pedir a seu favor! E sabe? Estamos um pouco desanimados! Tenho pensado até em não me ocupar mais do assunto, porque já não me resta esperança de conseguir qualquer coisa! Mas é tão confrangedor o próprio desamparo moral das crianças! Sei dum caso que o sintetiza bem. É lamentável as circunstâncias penosas da vida dessa pobre gente do Calhau, do Pátio do Governo e até mesmo do Alto da Boa Vista!

Assim findaram os nossos passos.

Vidas sem sol! Vidas que não pedem à Vida mais do que um bocadinho de pão para matar a fome e um tecto para se abrigarem...

Gabriela Castelo Branco

O Homem que venceu a vida

Augusto de Castro (1883-1971), jornalista, escritor e, na altura, diretor do jornal “*Diário de Notícias*” falou com o Padre Cruz quando de pedido expresso pelo mesmo para colaborar em iniciativa promovida por este jornal. O jornalista transmite-nos a sua experiência vivida e sentida perante a presença do servo de Deus, considerado uma “lenda, que é a poesia do Povo”.

Reproduzimos aqui o seu artigo publicado no “*Diário de Notícias*” de 21 de novembro de 1942.



P. Cruz. 1935

“Vi-o entrar, todo de negro, curvado, arrastando uns passos curtos e incertos. Mas quando, sentado ao meu lado, levantou para mim os olhos vivos e claros, um resplendor de mocidade quasi jovial, inundou o seu rosto emaciado.

Esse homem singular, que todo o Portugal conhece, fala de coisas simples e, olhando-o, mal pode medir-se a intensidade da vida heroica que aquele corpo frágil, dobrado pelos anos, encerra, como um tesoiro.

Nos últimos dias do drama espiritual, que foi a atormentada vida de Junqueiro, alguém, procurando enca-

minhar para a consolação suprema da religião o espírito ardente e doloroso do grande poeta, já perto do túmulo, falou-lhe de confissão.

— E quem há-de confessar-me? — perguntou com uma derradeira centelha de mal contido orgulho, o homem que acabava de repudiar, num gesto de soberba reconciliação consigo próprio, os anátemas da “*Velhice do Padre Eterno*”.



— Quer um santo ou um teólogo? — propôs-lhe o seu interlocutor.

— Mande-me o santo. — respondeu Junqueiro.

O Santo, que afinal não chegou a ir junto de Junqueiro, era aquele homem, humilde e admirável que está junto da minha mesa de trabalho e que me diz, sorrindo, como se se tratasse da coisa mais natural deste mundo.

- Cheguei ontem do Algarve, onde fui por causa dum pobre doente que queria ver-me. Como ele não podia vir a Lisboa, fui eu lá confortá-lo nos seus males. E parto amanhã para o Norte, visitar um desgraçado canceroso que me escreveu....

Estas palavras não as diz senão para desculpar-se de não ter corrido, mais depressa, ao apelo que eu lhe fizera para vir colaborar, com a autoridade do seu exemplo, na obra iniciada por este jornal do “Natal do Expedicionário”. Não se apercebe sequer de que elas resumem, como um clarão, uma existência e uma alma.

O homem que assim me fala e tenho diante de mim chama-se Padre Cruz. Em torno dele formou-se já a lenda, que é a poesia do Povo. É o português mais pobre de Portugal – e o mais rico, porque, como ele próprio diz, nada lhe falta. Deu tudo. Dá todas as horas da sua vida, de hospital em hospital, de miséria em miséria, de dor em dor, para confortar os que sofrem e animar os que desesperam. Há cinquenta anos que a sua existência é uma dádiva constante. Pede para os outros. É o mendigo da Caridade. E a sua sombra benfazeja passa entre os homens, como uma bênção. Não há lar triste que o não conheça. Não há desamparo a cujo apelo ele não tenha corrido.

Olhando-o, penso no “cura d’Ars” – seu emulo e irmão – que, tendo sido o mais humilde padre da mais humilde paróquia de



Guerra Junqueiro
(1850-1923)

França, a Igreja canonizou como um dos seus maiores Santos. E penso, sobretudo, na doce irradiação que nesta hora de ferocidade e de luta entre os homens, uma alma pura pode resumir. Uma sensação de imenso apaziguamento desce, como um balsamo, sobre mim. Dir-se-ia que as apreensões e as incertezas se dissipam ao contacto da claridade interior dum grande coração em paz.

Porque havemos de hesitar em encarar a Vida como ela é; porque nos obstinaremos a negar-lhe as prerrogativas que só queremos conceder à Morte? Aquele “servo de Deus” é a imagem já duma imortalidade vitoriosa. Ele é o símbolo dessa heroicidade que santifica os homens. O povo, vendo-o passar, sagrou-o já “santo”.

Mas, mais do que uma aureola de sacrifício que sublima essa fronte habituada a inclinar-se sobre as desventuras, o que doira, circunda, ilumina de graça e esplendor o pergaminho desse rosto, consumido pelo espírito, é a alegria que ele respira. O seu olhar sorri, em cada gesto. A imensa poesia da felicidade canta em cada acento da sua voz. Aquele homem nada deseja e nada teme. Caminha para a morte, como nós caminhamos sobre as áleas dum jardim.

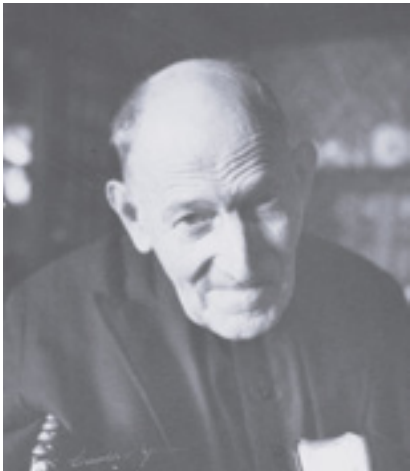


- “Enquanto a gente anda cá por

baixo...” – diz num dado momento, sem ênfase.

E, insensivelmente, comparo essa face macerada, mas viva e riosamente calma, com as faces crispadas que encontramos, a cada hora, em torno de nós; a angustia do olhar, a fadiga das pálpebras, o *rictus* de ansiedade dos homens que a ambição e o desejo torturam.





P. Cruz, 1946

Comparo-o comigo próprio. Nunca a doçura de Cristo tocou mais profundamente, como um exemplo, o meu animo inquieto. Sinto a dolorosa impotência do nosso frágil orgulho. Aquela humildade perfeita ensina-me o segredo divino da vida, que é um dom interior e não a transitória glória das paixões.

Penso, diante daquele homem em paz consigo próprio – a paz mais difícil de atingir – nos milhões

de homens que se trucidam e se aniquilam no Mundo, neste momento em que as forças do Apocalipse se desencadearam, vertiginosas, sobre a Terra ensanguentada. Penso no delírio e no tropel das ambições em luta. Penso no drama de todas as fatalidades de que é, mais do que nunca, feita a nossa existência.

Penso nas dores sem lenitivo, nos ódios sem esperança, nas apoteoses do triunfo e no aniquilamento das derrotas. Penso na febre do poder, na amargura do mal. Revejo ruínas e revejo sombras. Revejo uma pobre humanidade crispada pela desventura ou pela melancolia, pela perseguição ou pelo pânico, dilacerada e oprimida. A guerra anda entre os homens. Mas desde quando é que a guerra deixou de andar nos corações?

E os meus olhos pousam nesse velho, cuja voz tem bálsamos ignorados, nessa criatura obscura e simples que pratica o bem, como caminha e como vive, “enquanto anda cá por baixo...” – contemplo a alegria que o envolve, a serenidade que dele dimana, a bondade que, como uma flor, perfuma os seus gestos lentos.

E desse exemplo, heroico e humilde, desprende-se a eterna lição humana – de que só o “Ideal vence a Vida”.

Contrastes entre Fé e Modernismo



Agostinho de Campos
(1870-1944)

Agostinho de Campos (1870–1944) foi um escritor, jornalista e político português. Homem culto, ligado à filosofia, literatura e pensamento moderno, foi figura de relevo da vida intelectual do início do século XX tendo-se destacado pela reflexão pedagógica e pelo comentário político em tempos de forte transformação social em Portugal. A sua visão combinava patriotismo com uma preocupação cosmopolita, refletindo o dilema português entre tradição e modernidade.

É por isso interessante a sua reflexão, que aqui reproduzimos, quando o Dr. Agostinho de Campos ouviu um sermão do P. Cruz na Igreja da Madalena, em Lisboa. Apesar do evidente contraste ideológico e diferenças morais entre ambos, o P. Cruz conseguiu produzir uma forte impressão neste homem cético e ligado ao pensamento moderno.

O Dr. Agostinho de Campos escreveu no “*Comércio do Porto*” o seguinte:

“Alguém que o conhece e venera de perto disse-me um dia que o nome religioso do dr. Cruz, se este viesse a professor, devia ser “Frei Francisco da Adoração Perpétua”; e eu, que há cerca de dois anos o ouvi pregar na igreja da Madalena de Lisboa, posso atestar que em boa verdade nada nos pregou, a nós, seus ouvintes dessa ocasião, limitando-se a “conversar” com Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Portugal católico e monárquico, dirigindo-se sempre a Ela, esquecido e alheado de nós, e dando-nos a sensação perfeita de que estava “vendo” a Padroeira, tão bem e tão de perto como nós o víamos a ele.





Igreja da Madalena



Nunca eu encontrara nem ouvira antes o dr. Francisco da Cruz; nunca o vi nem ouvi depois; e sinceramente confesso que a experiência desse dia trouxe à minha pobre alma, enfarruscada de literaturas e filosofias, alguma desilusão. Impressionou-me, decerto, a profundidade e robustez daquela fé; mas parecia-me, ao mesmo tempo, que estava ouvindo e vendo uma criança de sessenta anos.

E, todavia, essa criança de sessenta anos tinha e tem por todo este País uma influência moral mais forte que a de nenhum político, general, ou sábio».

No jornal “*O Comércio do Porto*”, 1928



Agradeço ao Padre Cruz por...

Agradeço ao Padre Cruz todas as graças recebidas, estou estável com o meu problema de saúde.

Neyda Mendes Parra (Faro);

Venho por este meio agradecer a graça que obtive por intercessão do nosso grande amigo “*Santo*” Padre Cruz. A minha filha foi operada, tirou o útero, e correu tudo bem.

Agradeço ao Padre Cruz a protecção e ajuda que nos tem dado nas dificuldades no nosso dia a dia.

Também agradeço a grande protecção da minha mãe (95 anos) que todos os dias no Lar dá o seu testemunho de fé, graças ao seu grande Amigo Padre Cruz. Obrigada.

Filomena Simões Félix (Portimão);

Agradeço uma vez mais ao bondoso Padre Cruz mais uma graça que me alcançou Deus Nosso Senhor.

A minha filha estava com a glicémia muito alta, pois é diabética; então, pedi com muita fé ao nosso querido Padre Cruz e tudo se normalizou.

Que ele nos ajude sempre e que em breve, seja beatificado.

Maria Teresa Pinto e Abreu (Coimbra);

Venho agradecer ao Padre Cruz a graça concedida ao meu neto, no jogo de futsal. Conseguiu marcar e acredito que lhe aumentou a sua fé. Muito obrigada Padre Cruz.

Maria Costa (Santo Tirso)



OBJETOS DE RECORDAÇÃO:

A Causa do Padre Cruz apresenta dois novos artigos com a imagem do Padre Cruz gravada em madeira e a oração do P. Cruz: "Nada contra Deus, Nada sem Deus, Tudo por Deus".

As duas peças da autoria do Sr. Carlos Reis, são o porta-chaves em forma de coração e a caneta esferográfica.

Para receber qualquer uma destas peças, agradecemos que faça o seu pedido para a Causa do Padre Cruz através de:

Carta: Apartado 2661 - 1117-001 Lisboa

Tel: 218860921 - Telm: 964199167

Email: causapadrecruz@padrecruz.org



Porta-chaves: 3,17cm x 5,5cm
(5 graças)



Caneta (5 graças)



Iman: 4cm x 4cm
(5 graças)

*Deram
Esmola e*



*Agradecem
Graças*

Maria Alice Filipe Vidal Carvalho (Oeiras); Marta Hibon de Campos (Cascais); Nelson Sousa Figueiredo (Maфра); Adelina Ana Barbosa Pacheco Pimental (Urzelina, Açores); Belmira Amorim Fernandes; André Filipe Gomes Teixeira; Branca Hermínia da Silva Spiry (Santarém); António Marques Lopes (Leiria); Maria do Céu Pinto (Gouveia); Maria Conceição Antunes Simão (Carnaxide); Luis Gonzaga Brasil; Maria Silva de Sousa (Bruxelas, Bélgica); Maria da Luz Viola (Gafanha do Carmo); José Belo Pais Ruas (Maфра); Maria Hermínia Malheiro Queiroz (Fânzeres); Maria Elisa Madureira de Carvalho; Maria Alice Filipe Vidal Carvalho (Oeiras); Manuel Correia Pereira (São Julião); André Filipe Gomes Teixeira; Edite Maria Oliveira Simões; José António Viana Marques Gomes;

Teresa Maria Santiago Gordinho da Silva; Maria Glória Gomes Cordeiro (Amora); Maria Luísa Leal Graça (Algés); Maria do Rosário Janeiro da Silva; Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); Maria João Pinto Simões; Daniela Maria Correia Freitas (Mem Martins); Maria Alina Ramos Santos Garcia (Porto); José Jesus Torres (Lisboa); Orlanda Margarida Salgado Leite; Elvira Martins Ribeiro (Peso da Régua); Maria Helena Silva Gonçalves Silva; Hermínio António Trindade; Américo Ribeiro Oliveira (Braga); Daniel Mota (Londres, Reino Unido); Rosa de Castro (Lousã); Domingos Peralta Carvalho (Aguilva-Cacém); Maria Gabriela Caiano (Porto); Maria da Conceição Bessa Pinto Gomes (Freamunde); Gonçalo Clemente Sena Esteves (Alcabi-deche); Manuel da Silva Freitas



(Coimbra); Mário Manuel Meneses Andrade (Vila Nova de Gaia); José Cândido de Pinho (Alpendurada e Matos); Maria do Carmo Henriques Lima (Carnaxide); Cecília Maria Dentinho da Silva (Meãs do Campo); Paulo Francisco Gonçalves Vieira de Castro (Guimarães); Maria Helena Cruz Silva (Pampilhosa); Maria Rosário Ferrão Alves Antunes (Lourinhã); Paulo Cunha Matos; Clemência Graça Almeida (Lisboa); Maria Rosa Pires Guilherme (Amadora); Maria do Rosário Delgado (Abrantes); Lisete Maria Carvalho (Lousã); Maria Júlia Oliveira (Santarém); Maria de Fátima Fernandes Afonso (Bragança); Adelaide Fontes do Espírito Santo (Amadora); Maria Beatriz Alves Gomes Guerra (Vila Franca de Xira); Fernando Albuquerque Monteiro; Mariana Monteiro Santos Ferreira e Fernandina (Estarreja); António Xavier Forte (Escudeiros); Maria Madalena Sousa (Bombarral); Laura Maria Silva Rebelo Vieira (Colares); Maria Luz Fernandes Viola (Gafanha do Carmo); António Manuel Machado Antunes; Gilda Ferreira (Hamilton, Canadá); Maria Cardoso (Santa

Cruz das Flores, Açores); Beatriz de Fátima Conceição Morais (Coimbra); Florinda Sousa Rodrigues (Freitas); Maria Helena Frazão Pinheiro Isidro Teófilo (Cartaxo); Maria Albina Nascimento (Setúbal); Maria do Céu Ferreira Vieira (Braga); Aida Fernandes (Boulogne Bill-Jaurés, França); Diác. António Machado (Vagos); Maria de Lurdes Raposo Figueiredo (Bordinhos); António Matos Rolo (Belver); Iva Coderniz (Ribeirinha, Açores); Laurindo Mário Alexandre (Oliveira de Frades); Maria Erécilia Taveira Rendeiro (Soutelo de Aguiar); Maria de Fátima Leonardo Toste (Feteira, Açores); Maria do Sameiro Peixoto Cardoso (Vila Nova de Gaia); Francisco Santos (Linda-a-Velha); Alice de Sá e Silva Pinto (Rio Meão); Ana Morão Vilela Ribeiro (Vila Franca de Xira); Bertila Mendes Guerreiro (Quarteira); Neyda Mendes Parra (Faro); Maria da Soledade Costa (Tabuaço); Maria do Carmo Lambéria Vicente (Cartaxo); Rosa Vieira Silva (São João da Madeira); José Carlos Sá (Ponte da Barca); Maria Leonor Seixas (Torre de Moncorvo); Maria Morais dos Reis

Agostinho (Peso); Sofia Botelho (Gustine, EUA); Adriana Calisto (Mississauga, Canadá); Lucília Cartaxeiro Garrido (Vale do Paraíso); Maria Helena Fonseca Martins (Ferreira de Aves); Maria da Silva Vieira Antunes (Braga); Maria Madalena do Carmo Carochinho (Lisboa); Maria Elisa Madureira de Carvalho; Arlete Pinheiro Alves Teixeira (Braga); Maria Piedade Neves Trindade (Moçárria); Sandra Otilia Oliveira Figueiredo (Lisboa); Ana Bela e José Oliveira (Odivelas); Maria Silva de Sousa (Bruxelas, Bélgica); Maria Beatriz Alves Gomes Guerra; Alda Maria Oliveira Santos; Carlos Alberto Dinis Espiga; José Belo Pais Ruas (Mafra); Maria Luísa Almeida (Coimbra); Luis Manuel Alegria (Abrantes); José Manuel Cardoso Ferreira da Costa (Meinedo); Abílio José Cardoso Gomes; João Afonso Fernandes; Maria Piedade Quitéria Soares; Maria Margarida Correia Duque (Bragança); Maria Albina Raimundo Martins; Manuel Silva Freitas (Coimbra); Carla Graciete e Maria Amélia Feliz Santos (Almada); Maria Eduarda Simões Félix e Filomena Maria Simões

Félix Modesto (Portimão); Pedro Gabriel Barbosa Almeida; Vítor Pereira; Maria do Céu Neves Ladeiras (Lisboa); José Torres (Lisboa); Antonieta Avelar (Toronto, Canadá); Aida Anjos Simões Pinto (Lisboa); Maria Conceição Antunes Simão (Carnaxide); Maria Deus Lima Brum (Vila Franca do Campo, Açores); Esaú Sousa Almeida (Reriz); José Abraão Ferreirinha Gomes; Henrique Rodrigues Pinto; Linda Rosa Nunes Rocha Silva Couto (Penafiel); Fernando José Teixeira Couto e Santos (Lisboa); Rosa Maria Guerreiro Neto Barriga Vieira (Lisboa); Maria João Pinto Simões d'Abreu (Coimbra); Arminda da Conceição Tomaz da Silva (Sintra); Francisco Américo Pereira Nóvoa (Porto); Maria da Graça Custódio (Lourinhã); Alzira Conceição Ralo (S. Salvador de Aramenha); Ângela Maria Freitas Cota (Santa Bárbara, Açores); Carlos Pereira (Vilar Formoso); Maria Pureza e Maria da Luz Vasconcelos (Sabadim); Fátima Wakefield (Ontário, Canadá); Esaú Sousa Almeida (Reriz); Rosário Ferrão Antunes (Lourinhã); Maria Hermínia Malleiro Queiroz (Fânzeres).



Mandaram
celebrar
Missas



pela
Beatificação do
Padre Cruz
e por outras
intenções

Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); Maria Helena Ribeiro Lages Costa (Braga); Diácono António Machado (Vagos); Maria de Lurdes Raposo Figueiredo (Bordonhos); Maria Luz Viola (Gafanha do Carmo); Maria Silva de Sousa (Bruxelas, Bélgica); Manuel da Silva Freitas (Coimbra); Maria Deus Lima Brum (Açores); Maria Rosário Ferrão Alves Antunes (Lourinhã); Maria Albina Nascimento (Setúbal);

Berta Eugénia Gomes Castro (Aveiro); Manuel Correia Pereira (Cunha Baixa); Aurora Ferreira (Coimbra); Elvira Martins e familiares (Lisboa); Rosa Maria Gonçalves Mesquita (Lixa); Maria Luísa Leal Graça (Algés); Ana Maria Costa Bravo Duarte (Monforte); Maria Isabel e Susana Catum Lourenço (Lisboa); Fernanda Zulmira Oliveira Quadros (Salreu); Maria Luísa Almeida (Coimbra).

Informamos os nossos benfeitores e amigos que a Causa de Canonização do Padre Cruz aceita pedidos de Missas, pela Beatificação do Padre Cruz e outras intenções. Muito gratos, desejamos as melhores bênçãos.



Que é preciso para a Canonização do Padre Cruz?

A resposta é simples: que a Igreja, pelo seu Chefe Supremo, o Vigário de Cristo, dê o seu veredicto. Mas a Igreja não procede, nesta matéria, de ânimo leve. Por isso tem de ter a certeza de o servo de Deus ter praticado todas as virtudes em grau extraordinário.

Exige também um sinal do céu: o milagre, obtido por intercessão do Padre Cruz. exige até dois. O milagre é um facto religioso, isto é, supõe a oração ou intercessão de um justo unido intimamente a Deus; sensível, ou seja certificável pelos sentidos, e inexplicável pelas forças da natureza.

Não basta alguém declarar simplesmente que houve milagre, será preciso prová-lo. E isso faz-se com todo o rigor, por meio de um processo.

Constituído um tribunal pela autoridade da Igreja, são ouvidas as testemunhas e o «miraculado» deve ser minuciosamente examinado por um ou mais peritos, para saber se acura foi real e perfeita ou não.

DATAS PRINCIPAIS DA VIDA DO PADRE CRUZ E DO SEU PROCESSO DE CANONIZAÇÃO

Nascimento:	29-7-1859	Entrada na Companhia de Jesus:	3-12-1940
Estudos Secundários em Lisboa:	1868-1875	Morte em Lisboa:	1-10-1948
Universidade de Coimbra:	1875-1880	Início do Processo de Beatificação em Lisboa:	10-3-1951 a 26-6-1965
Ordenação Sacerdotal:	3-6-1882	Processo entregue à Santa Sé:	17-9-1965
Diretor do Colégio dos Órfãos - Braga:	1886-1894	Aprovação dos Escritos:	30-12-1971
Diretor Espiritual em S. Vicente de Fora:	1896-1903	Clausura do Processo Diocesano Supletivo em Lisboa:	17-12-2020

O SANTO PADRE CRUZ - uma vida de oração contínua

Maria da Conceição Barreira de Sousa

No tempo que vivemos, a lição do Padre Cruz é da máxima oportunidade. No atordoamento de informações e contrainformações, de expectativas e frustrações, de perguntas sobre tudo o que é essencial, de sobrevivências difíceis e futuros tão incertos, só a demonstração existencial do Evangelho pode abrir e alentar caminhos. D. Manuel Clemente.

1ª edição: 5 €



A VIDA DO PADRE CRUZ

Gonçalo Miller Guerra, S. J.

O Padre Francisco Cruz foi um dos sacerdotes portugueses mais populares do seu tempo. Esta breve biografia pretende reavivar a sua memória, hoje muito apagada, mesmo entre os católicos portugueses.

1ª edição: 5 €



ODISSEIA DE AMOR - Vida do "santo" Padre Cruz

Dário Pedroso, S. J.

Mais uma biografia do Padre Cruz? Sim, porque se trata de apresentar os momentos mais significativos da vida deste sacerdote exemplar, a quem o povo há muito «canonizou». Não, porque o Autor escolheu uma aproximação deveras original colocando o P. Cruz a falar com um jovem interlocutor imaginário, faz desta narrativa biográfica quase uma «autobiografia», na qual tudo resulta da «odisseia» do amor de Deus na vida do P. Cruz.

1ª edição: 7 €



O SANTO PADRE CRUZ

Maria Joana Mendes Leal

A vida do *Santo* Padre Cruz, obscura e gloriosa, apagada e empolgante, é dos testemunhos mais eloquentes dos nossos dias... 8ª edição: 11 €



Pedidos de livros: Secretariado da Causa do Padre Cruz,
na sua Livraria ou na Editorial A. O., R. S. Barnabé, 32, 4710-309 BRAGA

GRAÇAS DO PADRE CRUZ S. J.

REVISTA SEMESTRAL

Diretor: P. Dário Pedroso S.J.

Propriedade: Causa de Beatificação e Canonização do Servo de Deus Padre Francisco da Cruz SJ
Sede de Edição e Sede de Redação: Rua da Madalena, 179 R/C * Apartado 2661 * 1117-001 LISBOA
Telef.: (+351) 218 860 921 * Email: causapadrecruz@padrecruz.org * Site: www.padrecruz.org

NIPC: 501121641

Tiragem: 1.500 exemplares

Impressão: Gráfica Almondina * Sede do Impressor: Progresso e Vida, Lda.

Zona Industrial * Rua da Gráfica Almondina * 2350-483 Torres Novas

Dépósito Legal n.º 17.244188 - Registo na ERC n.º 127099

Distribuição Gratuita